

# FHC toma posse e volta a pedir ajuste fiscal

*Ao discursar no Congresso, presidente cobra mais uma vez fidelidade dos aliados*

ROSA COSTA

**B**RASÍLIA – Primeiro presidente reeleito do País, Fernando Henrique Cardoso enfatizou ontem, no seu discurso de posse no Congresso, a necessidade de o País realizar o ajuste fiscal, com a conclusão das reformas constitucionais e com o fim “do tormento do déficit público”.

Ele assegurou que não hesitará em adotar as medidas necessárias para atingir essa meta, a exemplo do que fez para defender o Real. “Não fui eleito para ser o gerente da crise”, afirmou. “É melhor o remédio amargo que cura a doença do que a febre crônica que debilita as forças e compromete a saúde do organismo.”

O presidente Fernando Henrique voltou a cobrar a fidelidade de seus aliados, como fez no anúncio do novo Ministério. Ele anunciou que “marchará com determinação” para obter do Congresso o ajuste fiscal “e para livrarmos o Brasil da armadilha dos juros altos que tanto aguilhoam nosso ímpeto de crescimento econômico”. Isso será conseguido com o aperfeiçoamento das reformas previdenciária e administrativa, aprovadas no ano passado, e com a realização das reformas tributária, política e

judiciária. Ele prometeu que continuará se empenhando para construir uma economia estável, moderna, aberta e competitiva. “Para prosseguir com firmeza na privatização, para apoiar os que produzem e criam empregos”, justificou. “E assim colocar o País na trajetória do crescimento sustentado, sustentável e com melhor distribuição de riqueza entre os brasileiros.”

O discurso do presidente não agradou a todos. O deputado José Genoíno (PT-SP) disse que achou sua palavra “burocrata, rotineira, sem emoção”.

“Diante da crise que o País atravessa, o presidente deveria ter sido mais incisivo nas suas intenções”, defendeu. “Ele tinha que fazer um discurso de estadista e não um discurso de quem está satisfeito com o próprio governo.” Genoíno foi um dos poucos parlamentares de oposição que se deslocaram para comparecer à cerimônia. Estavam presentes o deputado Haroldo Sabóia (PT-MA) e o senador Roberto Saturnino (PSB-RJ), representando o governador do Rio, Anthony Garotinho (PDT).

O primeiro-secretário do Congresso, deputado Ubiratan Aguiar (PSDB-CE), leu o termo de posse assinado pelo presidente e pelo vice Marco Maciel. O presidente do Senado, Antonio Carlos Maga-

lhães (PFL-BA), oficializou o ato, declarando-os nos cargos até o dia 31 de janeiro de 2002. Pelo menos cerca de 50 cadeiras ficaram vazias no plenário da Câmara. Chamou a atenção o pouco número de militares fardados, ao contrário do que ocorreu na primeira posse. O fato foi atribuído à decorrência da extinção dos ministérios militares e da criação do Ministério da Defesa, que terá como titular um civil, o ex-senador Elcio Álvares (PFL-ES). Todas as cenas da posse, a começar pela saída da comitiva presi-

dencial do Palácio da Alvorada, foram transmitidas em dois telões das TVs Câmara e Senado, armados no plenário, nos locais onde ficam os painéis de votação.

Compareceram poucos parlamentares da base aliada do Congresso. O líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), chegou no fim da cerimônia, por causa do atraso do vôo que o trouxe de Recife. Entre os ministros, faltou pontualidade ao ministro da Saúde, José Serra, e ao secretário de Comunicação, Andrea Matarazzo. Eles chegaram ao plenário depois do presidente. Estavam presentes os presidentes do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Celso de Mello, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Ilmar Galvão, antigos e novos minis-

tros, ex-governadores, como Eduardo Azeredo (MG), e os que foram reeleitos, como César Borges (BA) e Dante de Oliveira (MT), além de outras autoridades. O governador de São Paulo, Mário Covas, foi representado pelo vice Geraldo Alckmim.

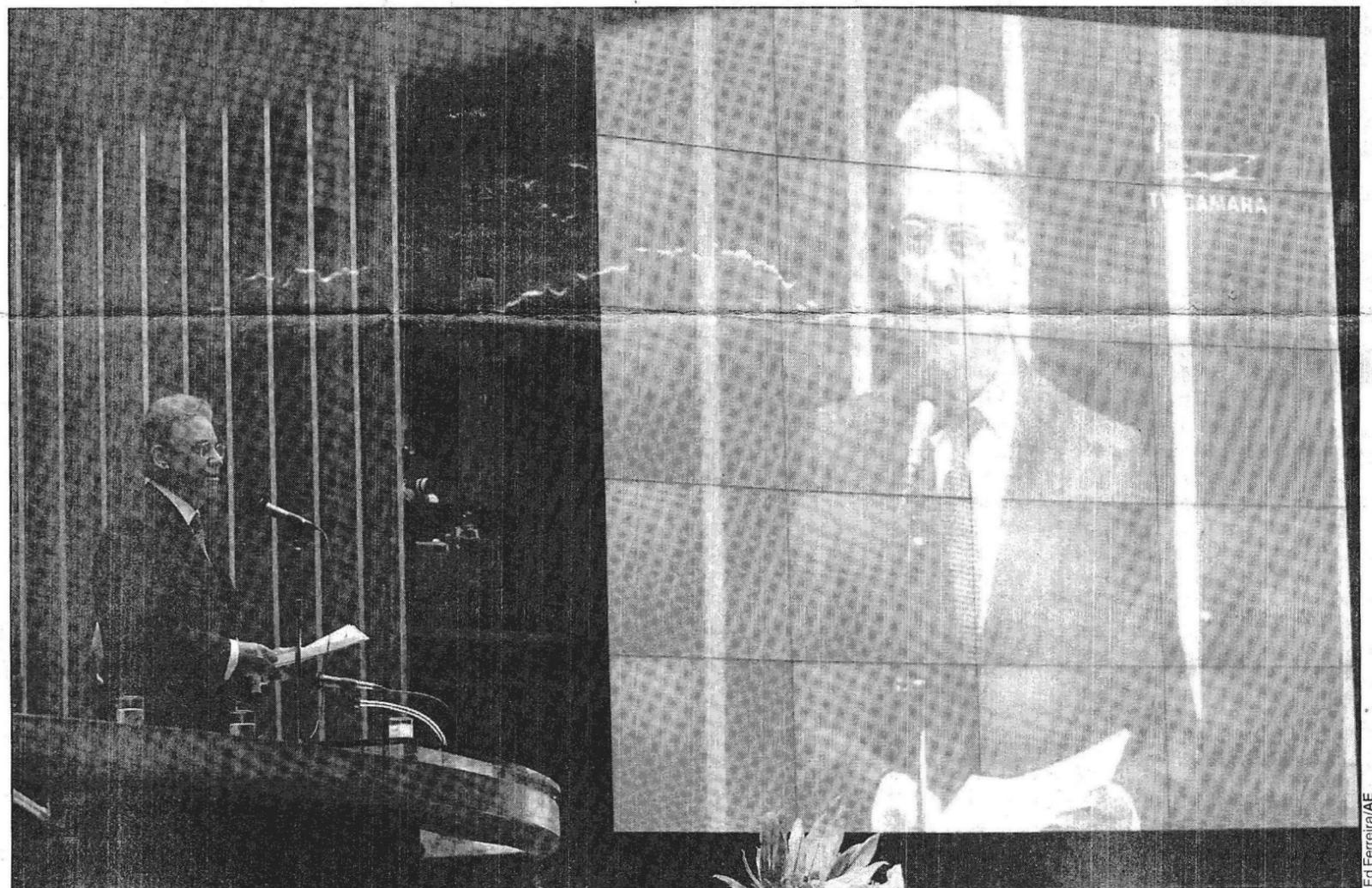
No discurso de 19 páginas, o presidente Fernando Henrique reconheceu que há muito o que fazer no País para superar as desigualdades sociais. “Nosso desafios continuam imensos, mas estamos em melhores condições para enfrentá-los”, disse. “Preparamos o terreno, plantamos a semente.”

Também admitiu que há divergências no recém-iniciado diálogo com a oposição, mas que espera superá-las com temas e ações que estão acima das diferenças partidárias. O presidente disse que espera, no segundo mandato, fazer um acerto de contas com o passado. “E ao mesmo tempo, tratando de impedir que a prosperidade que resulta da ampliação dos fluxos de capitais, conhecimentos e tecnologias venha contaminada pelo vírus da exclusão”, esclareceu.

O presidente afirmou que o objetivo do governo que ora se inicia será o de radicalizar a democracia. “Democratizar o mercado aumentando a competição e promover mais ampla oportunidade para todos os brasileiros”, afirmou. “Isso requer determinação política e crescimento econômico continuado.”

■ Colaborou Cláudia Carneiro

## GENOÍNO CLASSIFICA MENSAGEM DE BUROCRÁTICA



FHC e sua imagem: “É melhor o remédio amargo que cura a doença do que a febre crônica que debilita as forças e compromete a saúde do organismo”